

Paper do NAEA
Volume 28

Territorialidade de usuários de *crack* no espaço público urbano: perspectivas e abordagens acerca da temática

*Alan Pereira Dias*¹



RESUMO

O presente artigo versa sobre o estado da arte do tema territorialidade de usuários de *crack* em espaços públicos urbanos, partindo do entendimento de que as cenas de uso de *crack* – ou como são conhecidas no senso comum, as “cracolândias” –, estabelecem não apenas sociabilidades, afetos e redes, mas também, apropriações do espaço e que constituem alteridades, ou seja territórios, forjados a partir das territorialidades exercidas pelos sujeitos. Nesse sentido, realizamos uma breve discussão acerca dos conceitos de cena social, território e territorialidade, buscando aproximações e dissonâncias. Na revisão da literatura, analisamos teses e dissertações de universidades brasileiras nas áreas de Antropologia, Sociologia e Geografia com o intuito de identificar e sistematizar em categorias as diversas abordagens, buscando possibilidades de contribuição ao avanço do conhecimento sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Territorialidade. Cenas de uso de *crack*. Cracolândia. Espaço público urbano.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA. Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: alan-lp@hotmail.com.

ABSTRACT

This article deals with the state of the art of territoriality theme of users of *crack* in urban public spaces. Based on the understanding that the scenes of *crack* use - or as they are known in common sense, "cracolândias" - establish not only sociabilities, affections and networks, but also appropriations of space. They constitute alterities, that is, territories, forged from the territorialities exerted by the subjects. In this sense, we have made a brief discussion about the concepts of social scene, territory and territoriality, seeking approximations and dissents. In the literature review, we analyze the theses and dissertations of Brazilian universities in the areas of Anthropology, Sociology and Geography in order to identify and systematize the various approaches in categories, in search of possibilities of contribution to the advancement of knowledge on the subject in question.

Keywords: Territoriality. Scenes of use of *crack*. Cracolândia. Urban public space.

INTRODUÇÃO

O consumo de *crack* (droga obtida a partir da mistura da pasta base de coca ou cocaína) possui uma grande visibilidade em espaços públicos de diversas metrópoles brasileiras criando as chamadas “cracolândias”, espaços de consumo e venda deste entorpecente. Primeiramente nomeada desta forma em São Paulo, o termo “cracolândia” tem se tornado um generalizado o que exige uma significativa atenção quanto à sua polissemia, evitando um possível excesso de significados (CAVALCANTI; FRÚGOLI JR, 2013).

Diante de um cenário de uma epidemia do uso de *crack*, o Governo Federal implementou o “Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas” (Decreto 7.637 de 08 de dezembro de 2011) que instituiu o “Programa Crack, é possível vencer”, apoiado em três eixos estruturantes: de cuidado, autoridade e prevenção (SENAD, 2014). Nesse momento foi encomendada a “Pesquisa Nacional sobre o uso de *crack*: quem são os usuários de *crack* e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?”, realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), sendo publicada em 2014.

Bastos e Bertoni (2014) apontam que a demanda para tal pesquisa se deu em função da ampla mobilização da opinião pública, das instâncias políticas e dos meios de comunicação em torno das cenas abertas de *crack*, que passaram a ter destaque na agenda nacional. Esta ampla mobilização poderia estar associada a dois fatores, sendo o primeiro a diferença nos padrões, práticas e comportamentos tradicionalmente associados ao consumo das demais drogas. O segundo, seria o fato de muitas das cenas de uso de *crack* se localizarem contíguas às localidades de residência ou trabalho da classe média (não mais restritas às “bocas de fumo” nas comunidades empobrecidas).

As cenas de uso de *crack* são locais onde há uma aglomeração de indivíduos que desenvolvem práticas e rotinas associadas ao uso do *crack* (BASTOS; BERTONI, 2014). Tais cenas não se constituem sem uma base espacial apropriada. Propomos pensar a territorialidade exercida por usuários de *crack* e/ou similares, entendendo as “cracolândias” enquanto territórios na cidade que, como aponta Souza (1995), se constituem a partir de relações de poder projetadas no espaço.

Nesse sentido, buscamos identificar o estado da arte do tema territorialidade dos usuários de *crack* em espaços públicos da cidade. Como aponta Creswell (2010) a revisão da literatura ajuda a determinar a importância de se estudar determinado tema, possibilitando ao pesquisador maneiras de limitar o escopo para uma área de investigação necessária, assim como permite responder questões essenciais na constituição de um projeto de pesquisa; se um tema “pode” e “deve” ser pesquisado; se há possibilidade para a pesquisa, se os diversos elementos para o desenvolvimento da mesma estão acessíveis ao pesquisador; e se o tema possui relevância para ser analisado, acrescentando algo ao conhecimento disponível academicamente sobre ele; se replica estudos passados; ou se dá voz aos grupos sub-representados.

Seguindo as proposições de Creswell (2010) para apreender o estado da arte, realizamos o levantamento, análise, resumos e sistematização de trabalhos relacionados ao tema territorialidade dos usuários de *crack* no espaço urbano. Aqui nos restringimos a teses e dissertações levantadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BBTD), nas áreas de Antropologia, Geografia e Sociologia no intuito de evidenciar possibilidades de contribuição ao avanço do conhecimento nesta temática.

CONCEITOS NORTEADORES: CENA SOCIAL, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Antes de nos atermos a revisão da literatura, realizaremos uma breve apresentação dos conceitos de: cena social, território e territorialidade; que nortearam as etapas de tal empreendimento, desde o levantamento, na escolha de palavras-chave. Ainda que o interesse esteja nas territorialidades dos usuários de *crack*, este conceito geralmente não é utilizado (ao menos não de maneira explícita) nas pesquisas que abordam a temática do uso de *crack*, como se evidenciou no levantamento. Já os termos “cracolândia” e “cena de uso de *crack*”; são recorrentes nos trabalhos dessa temática, sendo estes acrescentados às palavras-chaves no levantamento. Assim sendo, apresentaremos tais conceitos de maneira sucinta, apontando suas limitações, possibilidades e aproximações.

O termo “cracolândia” surge a partir da identificação cotidiana (com exacerbação midiática) de um espaço de uso e venda de *crack* na cidade de São Paulo, que se constituiu em meados da década de 1990, com uma certa constância (BASTOS; BERTONI, 2014). Um termo que na primeira década dos anos 2000 passou a se tornar generalizado no Brasil, o que exige, segundo Cavalcanti e Frúgoli (2013), uma significativa atenção quanto à sua polissemia, além de ser carregado com uma carga estigmatizadora, como ressaltam os autores. Estes autores o utilizam enquanto uma categoria analítica, pois não é um simples sinônimo de local de venda e consumo de *crack*; é um espaço que se produz em seu reconhecimento como territorialidade específica por diferentes atores, que a elas dirigem práticas como: de repressão ou de assistência; táticas para lidar cotidianamente com tais espaços, seja por parte do Estado, do tráfico de drogas ou de residentes de regiões onde se instalam cracolândias (CAVALCANTI; FRÚGOLI JR, 2013).

Já a “cena” se refere a um conceito sócio-antropológico que ganhou destaque em pesquisas na medida em que o conceito de subcultura passou a ser preterido. Isso se deve ao fato deste conceito passar a ser visto enquanto relativamente estático e fechado, perdendo de certa forma, sua capacidade explicativa em contextos urbanos cada vez mais complexos, dinâmicos e interconectados, sendo as cenas a materialização de determinado contexto no espaço de culturas e movimentos sociais urbanos nas cidades contemporâneas. Diversos pesquisadores tem utilizado este conceito para o entendimento da cultura de uso de *crack* nas cidades, evitando o uso de “cracolândia”, utilizando o termo cenas de uso de *crack* para tratar das sociabilidades e configurações em torno do uso e venda do entorpecente (BASTOS; BERTONI, 2014).

Ao tratar das cenas nos estudos sobre juventude, Pfadenhauer (2005) aponta que as cenas se formam a partir de um campo temático de interesse comum. Seus limites e critérios de afiliação não são auto-explicativos (ao menos para os *outsiders*). Surgem a partir de semelhanças de identidades parciais, de localizações e de conteúdos, com processos de comunicação e interação que (re)produzem a mesma. Nesse sentido, as cenas distinguem-se de seus contextos imediatos por meio de sua tipologia: locais, sinais culturais e formas típicas de comunicação imediata. São caracterizadas por um modo de construção comunitária, sem se basear em um conhecimento mútuo.

Nas cenas, a afiliação se dá a partir de processos de negociação interna (não necessitando ser verbal-discursiva), onde o conhecimento e competência em relação à orientação temática da cena compõem os critérios essenciais. Nesse sentido, trata-se de uma rede cultural de

peças que compartilham certas formas materiais e/ou mentais de auto-estilização coletiva e que estabilizam e desenvolvem essas semelhanças em locais típicos em momentos típicos como uma cena (PFADENHAUER, 2005).

Marcelo Lopes de Sousa (1995) aponta que o território se constitui enquanto um campo de forças, uma teia de relações de poder que, a partir de configurações internas a uma coletividade, define um limite, uma alteridade, que diferencia os *insiders* e os *outsiders*, os pertencentes ao grupo e os externos ao mesmo. Esta abordagem relacional busca evidenciar as relações dos homens no espaço, para além do material, no entanto sem ignorar o mesmo, ou seja, o que o autor chama de “descoisificar” o território, pois o poder também necessita de uma base material, mesmo que seja rarefeita. O território é uma projeção espacial de poder, constituído a partir dos mais diversos sujeitos, não limitado ao Estado, onde fronteiras e os limites podem vir a mudar, sem que a “materialidade” seja alterada.

Haesbaert (2012) sintetiza as noções de território em três vertentes: 1) política – referente às relações espaço-poder em geral; 2) cultural ou simbólico-cultural – prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, o território é visto como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo e relação ao seu espaço vivido; e 3) econômica – que destaca a dimensão espacial das relações econômicas, o território enquanto fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho. O autor aponta que o território não deve ser visto simplesmente como um objeto em sua materialidade, nem como um mero instrumento analítico ou conceito elaborado pelo pesquisador. Os territórios se referem tanto a projeções com uma base mais “concreta”, quanto a projeções subjetivas, “imaginárias”.

Ao compreender que os mais diversos grupos podem vir a constituir territórios a partir de relações de poder no espaço, deve-se atentar que os mesmos também possuem territorialidades. Ao pensar em territorialidade, entende-se a mesma enquanto uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço (SOUZA, 1995). A territorialidade seria a essência do território, a experiência compartilhada entre um grupo na constituição de um limite, uma alteridade (HOLZER, 2013).

Para Sack (1986), territorialidade nos humanos é uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar fontes e pessoas, uma forma de comportamento espacial, podendo ser ativada e desligada, quando do interesse do agente. A territorialidade humana é mais bem compreendida, não como uma motivação biológica, no entanto, enquanto fruto das relações sociais no espaço. Seu uso depende de quem está influenciando e controlando o quê e quem, nos contextos geográficos de espaço, lugar e tempo.

Já Holzer (2013) aponta que a essência do território é o limite, a fronteira, que se estabelece nas vivências cotidianas, afastando-nos dos outros corpos, criando barreiras invisíveis. O território é constituído na experiência intersubjetiva, no construir e no habitar, nas permanências e mobilidades exercidas pelos indivíduos em seu dia a dia, sendo fronteiras imateriais que nos resguardam e protegem, ante o contato com o “outro”.

Entendemos que apesar de distintos, os conceitos de cena social e território/territorialidade, a partir das perspectivas apresentadas, possuem certas características em comum e possibilidades de comunicação. A cena social trata da sociabilidade, de afetos e práticas sociais dos usuários de *crack*, sem correlações explícitas com o substrato material apropriado, enquanto que a territorialidade enfoca as relações espaciais de maneira mais expressiva, não só

enquanto localização, mas envolvendo as estratégias na apropriação, a constituição e defesa dos territórios, assim como as tensões em torno dos contatos/confrontos entre os diferentes grupos no cotidiano. A territorialidade também envolve a sociabilidade e a intersubjetividade, ainda que com um foco central nas relações sociais de poder projetadas no espaço. Nesse sentido, as pesquisas que utilizam o conceito de cenas sociais, ou mesmo *cracolândia*, tratam de uma territorialidade no espaço urbano, trazem elementos de uma territorialização exercida pelo grupo, ainda que não tenham por foco tal perspectiva conceitual.

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O TEMA TERRITORIALIDADE DOS USUÁRIOS DE CRACK

O tema territorialidade dos usuários de *crack* nas cidades tem sido abordado em pesquisas diversas pelo Brasil. Para compor o estado da arte de tal temática, suas diferentes perspectivas de análise, objetos e metodologias, realizou-se o levantamento de teses e dissertações no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, nas áreas de: Antropologia, Sociologia e Geografia. Os termos de busca utilizados para filtragem das produções foram: “territorialidade usuários de *crack*”, “*cracolândia*” e “cenas de uso de *crack*”. Após a leitura dos resumos dos trabalhos acessados, foram selecionadas para compor a ficha de levantamento somente as pesquisas que abordassem as dinâmicas dos usuários de *crack* no espaço público/aberto, totalizando 49 trabalhos. Destes trabalhos foram constituídos resumos, dos quais iremos expor apenas 17 pesquisas, sendo 13 dissertações e 4 teses, que compreendemos representar a totalidade de proposições no recorte proposto.

Para auxiliar a análise e sistematização, as dissertações e teses foram agrupadas em categorias segundo suas perspectivas de análise, problemáticas, objetivos e metodologia. As categorias elaboradas são as seguintes: *Políticas públicas, controle social e gestão de populações*; *Uso de crack e a constituição de identidade e estigma*; *Cultura do uso de crack e cotidiano*; e *Dimensão socioespacial do fenômeno*. Nesse sentido, buscaremos salientar de maneira breve elementos fundamentais à pesquisa, como propõe Creswell (2010): concepção filosófica; tipo de abordagem; estratégia de investigação; e procedimentos de coleta de dados. Todos os trabalhos levantados apresentam uma abordagem qualitativa, havendo trabalhos que se utilizam das perspectivas filosóficas construtivismo social, pragmáticas e reivindicatórias/participatórias.

Na categoria *Políticas públicas, controle social e gestão de populações* estão agrupados os trabalhos que abordam a realidade dos usuários de *crack*, tendo por elemento comum políticas públicas que incidem nos territórios identificados como *cracolândias* e centralidade na análise dos efeitos e possibilidades de melhorias das políticas de saúde/cuidado/redução de danos ou segurança pública/repressão/autoridade. Em geral, os estudos abordam o plano do governo federal intitulado “*Crack, é possível vencer*” e os desdobramentos dessa política em conjunto com programas municipais e estaduais. Quanto às estratégias de investigação empregadas, identificamos a recorrência do uso de estudo de caso. Em sua maioria abarcam uma gama de procedimentos de coleta de dados: análise documental e de discurso; etnografia; trabalho de campo; entrevistas com usuários nas cenas de uso de *crack* ou em clínicas de reabilitação, assim como entrevistas com outros agentes envolvidos com a temática, como assistentes sociais, policiais, agentes de saúde.

Santana (2013) teve por objetivo refletir acerca do tratamento da dependência química do *crack*, com foco no cotidiano da cidade de Catalão (GO). Sua metodologia abarcou revisão bibliográfica, trabalho de campo junto a usuários e seus familiares, assim como entrevistas com profissionais de diversas áreas e gestores públicos que atuam direta ou indiretamente na problemática causada pelo consumo do *crack*. Já Santos (2014) buscou compreender a abordagem da gestão pública do município do Rio de Janeiro em relação ao *crack*, no período de maio de 2011 a dezembro de 2013, problematizando os procedimentos de internações compulsórias e involuntárias de usuários de *crack* em situação de rua. A metodologia se deu por análise documental, análise de discursos e levantamento bibliográfico. Ambas as pesquisas utilizam o estudo de caso enquanto estratégia de investigação. Tanto Santana (2013), quanto Santos (2014), constatam que as modalidades de enfrentamento do problema são ineficazes e que há a necessidade da ação pública oferecer um tratamento digno aos dependentes químicos.

Pontes (2017) tem por objeto as formas de controle social de Estado sobre a classe lumpemproletarizada da cracolândia de São Paulo, realizando uma análise documental das políticas públicas implementadas no período de 2003 a 2016, a partir da perspectiva teórica do materialismo histórico e dialético. Sua abordagem é distanciada do sujeito de pesquisa, realizando uma análise do discurso legislativo e demais documentos a partir de três pontos de apoio: o escrito, subscrito e sobrescrito. A autora aponta que as formas de controle da classe social apartada da terra e não absorvida pelo trabalho produtivo apresenta aspectos das formas arcaicas misturadas aos processos “modernizadores”, entre instituições totais e políticas de manutenção da reprodução social da classe lumpemproletariada. O aumento da militarização como mecanismo de controle da população lumpemproletaria está vinculado ao processo de consolidação da reordenação superestrutural do capital.

Na categoria *Uso de crack e a constituição de identidade e estigma*, agrupamos os trabalhos que tratam da constituição de identidades e estigmas no contexto das cenas de uso de *crack*, ou seja, como se constituem estigmatizações acerca dos locais denominados cracolândias, assim como das pessoas que frequentam e permanecem em tais lugares. As pesquisas abordam também as categorizações empregadas na identificação dos indivíduos, em seus aspectos teóricos, em perspectiva de interpretação e intervenção nas realidades analisadas. Quanto às estratégias de investigação empregadas, identificamos o uso de pesquisa narrativa, de etnografia e de estudo de caso.

A tese de Rui (2012) parte da figura do *nóia* enquanto uma categoria, tanto de acusação, como de identificação que agrupa usuários de *crack* que estabelecem com a droga uma relação extrema, que é resultado e produtora de uma corporalidade em que é expressiva a imagem da abjeção. A partir de uma etnografia realizada entre os anos de 2008-2010 em Campinas e São Paulo e da análise de matérias jornalísticas, a autora tem por objetivo central mostrar a força do definhamento corporal e a produção dos corpos abjetos. A pesquisa ressalta que o corpo do *nóia* expressa uma radicalização da diferença, pois materializa um tipo social constituído na exclusão social. O usuário de *crack* na condição de *nóia*, evoca diversos limites, tais como corporais, sociais, espaciais, simbólicos e morais; que impulsionam a criação de gestões assistenciais e policiais que visam recuperá-lo, ou eliminá-lo.

Rocha (2012) buscou analisar a dinâmica do consumo de *crack* na realidade de Cachoeira/BA tendo em vista as implicações da política internacional de guerra às drogas e as representações sociais acerca do *crack*, principalmente as que explicitam processo de

estigmatização dos usuários. A partir do método compreensivo e com a realização de entrevistas semi-estruturadas com usuários e ex-usuários de *crack*, traficantes e policiais, a autora conclui que a dinâmica do tráfico de drogas e sua associação aos índices de violência e criminalidade cria uma representação negativa e equivocada acerca do usuário de *crack*, ainda que isto não diminua os efeitos nocivos do entorpecente.

Carvalhido (2014) teve por objetivo reconstruir as narrativas que delinearam a operação realizada pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, em janeiro de 2012, frente a um determinado ato dito “desviante”, o uso de *crack* em espaço público, e apreender como o estigma em torno do uso de *crack* influenciou e moldou o desenrolar da operação. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica e entrevistas com agentes de segurança pública, do judiciário e com um jornalista. A autora conclui que a imagem que embasou a operação, acerca da *cracolândia* e do uso de *crack*, está vinculada a um estigma e a um conhecimento de determinado ramo da psiquiatria.

Arruda (2014) busca compreender o sujeito social que constitui o território *cracolândia*, a reprodução social dos indivíduos que frequentam ou que vivem no local. Utiliza o estudo de caso enquanto estratégia de pesquisa, sob os fundamentos teóricos do materialismo histórico e dialético, no campo da saúde coletiva. Já os procedimentos de coleta de dados são entrevistas e trabalho de campo (técnica de bola de neve). A pesquisa aponta que para se compreender o sujeito social que constitui a *cracolândia*, a categoria central é a questão social e não o uso de *crack* e outras drogas, pois os que vivenciam e se estabelecem neste espaço, estão fundamentalmente expostos a processos resultantes da reestruturação produtiva do capitalismo, como o empobrecimento, marginalização e desproteção social.

Hertzog (2015) trata da origem social dos usuários de *crack* e parte da hipótese de que estes se vinculam a um *milieu* social, o dos abandonados, como uma outra forma de compreender o uso de *crack* em metrópoles periféricas. Realiza uma pesquisa narrativa com a reconstrução das histórias de vida dos usuários de *crack*. Além disso, executou entrevistas com agentes institucionais ligados aos sujeitos da pesquisa e estabelece discussões no âmbito da sociologia sobre trabalho e desigualdades sociais, classes sociais no Brasil, das teorias da modernização e dos debates da filosofia política sobre a teoria do reconhecimento. O autor conclui que o uso de *crack* está intimamente imbricado às condições sociais de produção e reprodução de papéis sociais, os quais são distribuídos de maneira diferente entre as classes. Dessa forma, a problemática do uso de *crack* seria essencialmente uma questão social.

Na categoria cultura do uso de *crack* e cotidiano, estão os trabalhos que tratam centralmente do mundo da vida dos usuários de *crack*, que realizam imersões profundas no cotidiano e vivência dos usuários e da cultura do uso do entorpecente. Nesse sentido, possuem uma aproximação com suas territorialidades, suas práticas sociais e sociabilidades. Abordam os afetos, tensões que se constituem no contexto desses indivíduos assim como as práticas de cuidado. Estes trabalhos se utilizam em sua maioria da etnografia e observação participante, como estratégias de coleta de dados, fazendo uso de outras de maneira complementar. Quanto às estratégias de investigação empregadas, identificamos a recorrência do uso da etnografia e da pesquisa narrativa. Os procedimentos de coleta de dados adotados são análise documental e de discurso; etnografia; trabalho de campo; e entrevistas. Consideramos importante destacar alguns dos estudos desta categoria, como segue.

A pesquisa de Raupp (2011) tem por objetivo central compreender os circuitos, comportamentos, práticas e significados atrelados ao consumo de *crack* entre usuários e

vendedores desta droga na região central das cidades de São Paulo/SP e Porto Alegre/RS. Utiliza etnografia com observação participante para captar o fenômeno do uso de *crack* a partir da perspectiva dos usuários no contexto cultural particular, utilizando referencial da sociologia do desvio e da antropologia urbana. A autora aponta que o cotidiano desses locais caracteriza-se por tensões e conflitos entre os diferentes atores que constituem os circuitos. Além disso, apesar da maioria dos usuários apresentarem um padrão de uso problemático de drogas (especialmente o *crack*), havia sujeitos que apresentavam outro padrão de uso, com estratégias de autocontrole.

Alves (2015) trata do uso do *crack* na cidade de São Paulo, buscando compreender a importância do contexto social sobre o padrão intenso de uso do entorpecente, descrevendo a cultura de uso com a terminologia própria dos usuários, o cotidiano e os diferentes papéis, assim como os sentimentos envolvidos. Adota a abordagem qualitativa, com uso da etnografia e observação participante em campo, ancorada em apontamentos teóricos de Howard Becker e Norman Zinberg sobre o uso de drogas. A pesquisa assinala a relevância do contexto social sobre o padrão de uso intenso, visto que a análise do programa “De Braços Abertos” e de times de futebol, constituídos em sua maioria por usuários, evidenciam como mudanças no contexto social levam a alterações expressivas em como os dependentes químicos se relacionam com as drogas.

Costa (2017) tem por objetivo expor complexidades da “cracolândia” em São Paulo, dos usos de drogas e dos cuidados para estes usos, tendo por objeto o “Craco Resiste”, movimento social contrário às violências institucionais no local. A partir de uma etnografia, com foco nas vivências das pessoas que usam *crack*, assim como nas resistências organizadas por movimentos sociais e ativistas, contextualizadas no fluxo (no contexto) do território, os resultados da pesquisa revelam duas facetas importantes. Primeiro, que há uma associação do uso do *crack* com a sexualidade, em uma mesma economia do prazer e em um comércio sexual, afetivo e de cuidados que não se resume à prostituição. A outra faceta é referente à questão do tempo e das temporalidades, com uma dinâmica contraditória entre a velocidade do efeito do *crack* e a continuidade estabelecida pela repetição do uso, assim como a velocidade e intensidade dos eventos, das transformações e das dinâmicas na cracolândia.

Silva (2017) teve por objetivo investigar padrões de controle e autocuidados no contexto do uso de *crack* e seus significados, examinando em que medida os usos problemáticos, vinculados às cenas de uso público, assim como a produção de discursos morais e estigmatizantes, influenciam nas experiências dos usuários de *crack* de uso não público. A autora realiza uma abordagem qualitativa, com uso da etnografia e observação participante nas cidades de São Paulo e Lisboa. Além disso, executa entrevistas com usuários e ex-usuários de *crack* de uso não visível. A pesquisa evidencia as diferenças entre Brasil e Portugal acerca das representações constituídas acerca dos usuários de *crack* e os processos de intervenção urbana nos locais que abrigam as cenas de uso de *crack*, bem como a importância de uma política de saúde que respeite a autonomia do usuário.

Trinta (2017) tem por objetivo investigar como a territorialidade da cracolândia em São Paulo se consolidou como um impasse. A partir de uma abordagem qualitativa, com a realização de etnografia nos anos 2011-2015, com análise de situações de campo, cenas descritivas, trajetórias e percursos individuais. o trabalho constata que a construção social “cracolândia” é enxergada pela trama institucional como uma aporia urbana, uma problemática quase insolúvel, que nutre e retroalimenta uma ideia desta territorialidade como um problema em si mesmo.

Malheiro (2018) teve por objetivo compreender a prática de uso de *crack* entre mulheres em situação de rua no centro da cidade de Salvador, a partir de uma etnografia que abarca a cultura do uso da droga, assim como a importância de controles sociais informais entre as dependentes e o estabelecimento de controles formais advindos da sociedade. O trabalho aponta que a maior parte das mulheres entrevistadas fez uso abusivo de *crack*, visando aliviar o sofrimento de violências de gênero e raciais. Estas mulheres elaboram estratégias políticas de resistência, proteção e mobilização. A pesquisa pontua também que a atual política de drogas reforça opressões de raça, gênero e classe, sendo a vida dessas mulheres marcadas por situações de injustiça social.

Na última categoria *Dimensão socioespacial* reunimos os trabalhos que centralizam a dimensão espacial do fenômeno de uso de *crack*, a relação entre o uso da droga e o espaço urbano. As pesquisas aqui reunidas, apresentam diferenças quanto à aproximação do sujeito e dos espaços de uso de *crack*, assim como são diversas em suas perspectivas teóricas. No entanto, todas utilizam o estudo de caso enquanto estratégia de pesquisa, abarcando diversos procedimentos de coleta de dados.

Rocha (2013) buscou compreender as espacialidades vinculadas ao uso de *crack*, constituídas por jovens do sexo masculino que vivem em periferias de Ponta Grossa, no Paraná. O autor fez uso da perspectiva pós-estruturalista e sua metodologia abarcou entrevistas em profundidade/semi-estruturadas, uso de diário de campo e elaboração de um banco de dados com base nas fichas das crianças e adolescentes internos de uma comunidade terapêutica e de ex-usuários de *crack*. A pesquisa ressalta que as vivências espaciais dos adolescentes usuários de *crack* estão vinculadas a diversas espacialidades que convergem em temporalidades diferentes, onde os posicionamentos frente às diferentes configurações de poder são fluidas e locais, transitando entre posições de margem e centro.

Já Tavares (2014) teve por objetivo central analisar as práticas espaciais e representações da missão batista “Cristolândia” na reapropriação do espaço urbano identificado como cracolândia no Rio de Janeiro, utilizando o método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre para analisar a ação da Cristolândia em suas relações sociais de produção, na reprodução do espaço, que se efetua na cotidianidade. O autor descreve os processos espaciais que expressam a banalização do espaço nas cracolândias e a produção a partir das práticas da missão. O autor conclui que, ainda que a Cristolândia seja um empreendimento missionário batista – com um aspecto político descompromissado com os problemas sociais e conservador –, apresenta um caráter subversivo, pois busca transgredir o espaço banalizado das cracolândias, expressando um outro horizonte urbano.

Salgado (2017) busca analisar a formação de espaços de usos do *crack* no bairro da Lagoinha, região central de Belo Horizonte - MG. Tais territórios são analisados sob a perspectiva da ecologia do crime e de trabalhos posteriores, que tratam dos desvios e crimes nos centros urbanos. O trabalho aponta para a ocorrência de processos marcados por aproximações e similaridades entre a constituição da “cracolândia e a deterioração do local, assim como a prática de crimes, que ocorre de maneira diferenciada do resto da cidade”. Além disso, a autora ressalta a necessidade de estudos comparativos acerca deste fenômeno para a criação de políticas públicas de segurança e de saúde que concebam práticas de intervenção de maneira humana e democrática.

A partir do levantamento realizado acerca da territorialidade dos usuários de *crack*, evidencia-se que há uma gama de perspectivas acerca desta temática. No entanto, são

minoritários os trabalhos que centralizam a *dimensão socioespacial do fenômeno*. Em especial, percebemos a necessidade de aprofundamento da reflexão sobre a relação entre a territorialidade dos usuários de *crack* (a configuração de cenas de uso do entorpecente) e o espaço público nas cidades. Ainda que o uso público de *crack* esteja em evidência na maioria das pesquisas aqui tratadas, a relação da apropriação de espaços públicos para o uso de *crack* não foi profundamente explorada. Mesmo que alguns trabalhos tangenciem esse ponto e apresentem proposições, não o exploram muito, por não ter este elemento em evidência. Entendemos que este ponto de partida permite um olhar ainda não explorado demasiadamente, no sentido da configuração das “*cracolândias*” e sua relação com o espaço urbano, como o contexto socioespacial influencia nesta territorialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No empenho de apreender o estado da arte da literatura sobre a temática territorialidade dos usuários de *crack*, encontramos alguns empecilhos conceituais, visto que o par território/ territorialidade não figura enquanto conceitos centrais nas pesquisas, sendo mais recorrente o conceito de cena social. Traçamos aqui suas características e dissonâncias, apontando para as possibilidades de comunicação e complementaridade entre tais conceitos. A partir do levantamento e análise de teses e dissertações, evidenciam-se enquanto possibilidade relevante para aprofundamento da temática, que mobilizem conhecimentos antropológicos, sociológicos e geográficos, pesquisas que se dediquem à dinâmica espacial das cenas de uso de *crack*, em especial à relação entre a territorialidade dos usuários de *crack* e o espaço público nas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ygor Diego Delgado. “*Jamais fomos zumbis*”: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo, SP. 2015. 336 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ARRUDA, Marcel Segalla Bueno. *A cracolândia muito além do crack*. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane. O cenário do consumo de crack e o Inquérito Nacional sobre Crack, 2012. In: BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane (Org.). *Pesquisa nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?*. 1. ed. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2014, v. 1, p. 131-146.

CAVALCANTI, Mariana; FRÚGOLI, Heitor Junior. Territorialidades da(s) cracolândia(s) em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Anuário Antropológico*, II, p. 73-97, 2013.

CARVALHIDO, Anna Luiza. *O estigma e o poder do conhecimento: um estudo sobre a operação centro legal de 2012*. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Direito e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Direito e Desenvolvimento, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2014.

COSTA, Roberta Marcondes. *Mil Fitas na Cracolândia: amanhã é domingo e a Craco resiste*. 2017. 286 f. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HERTZOG, Lucas. *Abandono social e consumo de crack: um ensaio sobre o milieu dos abandonados em Porto Alegre*. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. *Revista Cidades*, v. 10, n. 17, 2013.

MALHEIRO, Luana Silva Bastos. *Tornar-se mulher usuária de crack: trajetória de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador, Bahia*. 2018. 292 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PFADENHAUER, Michaela. Ethnography of Scenes. Towards a Sociological Life-world Analysis of (Post-traditional) Community-building. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 6, n.3, Art. 43, 2005

PONTES, Marcela Maria Carvalho. *De braços abertos: o lumpemproletariado na rede neoliberal de controle*. 2017. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RAUPP, Luciane Marques. *Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre: cotidiano, práticas e cuidado*. 2011. 209 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RUI, Taniele Cristina. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. 2012. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ROCHA, Rosilene Oliveira. *A dinâmica do crack em Cachoeira/Ba: da “guerra às drogas” ao processo de estigmatização*. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2012.

ROCHA, Helder Leandro. *Espaço espiado: o uso de crack instituindo espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa – Paraná*. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

SACK, Robert David. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

SALGADO, Nayara de Amorim. *Cartografias da pedra*. Estudo sobre os circuitos de consumo de crack no bairro da lagoinha, Região Central de Belo Horizonte (Minas Gerais – Brasil). 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTANA, Maria Aparecida G. Silva. *Políticas públicas para enfrentar o crack em catalão (GO), no limiar do século XXI: com CAPS e sem CREDEQ – entre dramas, reivindicações e expectativas*. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Catalão, 2015.

SANTOS, Anastácia Cristina Silva dos. *Crack e gestão municipal do Rio de Janeiro: discursos e práticas*. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SENAD. Apresentação. In: BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane (org.). *Pesquisa nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?*. 1. ed. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2014, v. 1, p. 9.

SILVA, Selma Lima da. *A exposição e a invisibilidade: percursos e percalços por Lisboa e São Paulo. As narrativas dos usos e dos controles do uso de crack*. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TAVARES, Felipe Rangel. *Cristolândia: representações e utopias na (re)produção e (re)apropriação do espaço urbano*. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TRINTA, Deborah Rio Fromm. *O “fim da Cracolândia” etnografia de uma aporia urbana*. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.